

## Experimentos de Leitura: O uso do *tablet* nos alunos de pós graduação<sup>1</sup>

Vaniele Barreiros da SILVA<sup>2</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

### Resumo

Esse trabalho tem como objetivo buscar novas experiências de leitura. Partindo de uma pesquisa teórica anterior, tal artigo traz o relato e a análise de uma observação não-participante e assimétrica, e de uma observação participante acerca da utilização do *tablet* em sala de aula. Tendo a leitura como foco dessa observação esse artigo fomenta curiosidade para a busca de entender e mapear as novas relações entre indivíduo e máquina bem como a releitura dos suportes de ler. Os sujeitos estudados são alunos de dois cursos de pós-graduação lato sensu do interior do estado Rio de Janeiro, que recebem, ao se matricular, um *tablet*, contendo o material didático a ser utilizado ao longo das aulas, permitindo assim a análise da relação da leitura com as construções textuais junto ao suporte tecnológico disponível naquele ambiente.

**Palavras-chave:** Leitura; *Tablet*; Tecnologia de Comunicação; Apropriações; Digital.

### Introdução e métodos de pesquisa

Pensar a *leitura* pode parecer algo comum, imaginando-se que esse ato é corriqueiro, cotidiano e simples. Se a constante prática é um dos caminhos para o conhecimento, acredita-se que a permanente análise das ações de *leitura*, bem como o acompanhamento das inovações no processo de construção do livro e do ato de ler, conduz às novas percepções do indivíduo. Dessa forma, este trabalho propõe uma experimentação da *leitura* pensando as relações dos indivíduos com o *tablet*.

Na busca da compreensão da *leitura* atual, serão utilizados, como foco de observação, dois grupos de alunos de pós-graduação de um centro universitário do interior do Estado do Rio, onde, como pioneiros nessa região, recebem *tablets* como parte do material didático a ser utilizado durante todo o curso matriculado. A partir desta escolha, pretende-se buscar, dentre os grupos disponíveis, ações que permitam interpretações diferentes, complementares ou quem sabe divergentes, para que o recorte da pesquisa seja abordado de forma satisfatória.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: vaniele.barreiros@gmail.com

Procurando comparar a utilização, os usos e as apropriações das *leituras* no suporte tradicional e no *tablet*, essa pesquisa é parte dessas análises. Para tal foram propostas duas formas de trabalho: a observação não-participante e assimétrica e a observação participante. Vale ressaltar que não foram criados ambientes laboratoriais, mas o uso das próprias aulas em curso, percebendo-se assim a atuação dos indivíduos no cotidiano de sala de aula. A questão principal proposta é buscar fundamentações de até que ponto as relações tradicionais envolvidas na graduação, e quem sabe as atividades profissionais extraclasses vividas por cada indivíduo, podem ser influentes na intimidade do aluno com as novas ferramentas adotadas pela instituição.

Os alunos participantes são graduados em cursos regulares ou tecnológicos, todos advindos da própria instituição ou de faculdades vizinhas, todas particulares, buscou-se ações e reações distintas dentre aqueles selecionados. O primeiro é composto em sua maioria, por pedagogos formados recentemente. O segundo grupo é formado por uma variedade de graduações e com um universo de idade e de práticas profissionais diversas. Dessa forma, pretende-se buscar práticas de *leitura*, dos mais diferentes indivíduos, além de alguns diversos estímulos e propósitos de *leitura*.

Dos tradicionais cadernos para os *tablets*. Das carteiras individuais com apoio de cadernos para bancadas (que acomodam quatro alunos) com ponto de energia. Dos quadros negro de giz aos quadros brancos de caneta piloto. Há de se perceber também a mudança estrutural feita pela instituição para receber as novas ferramentas. Som ambiente, ar condicionado e *data show* em todas as salas, foram apenas algumas demandas de mudança para abarcar as novas propostas. Importante ressaltar que, além das alterações físicas, é necessário um esforço conjunto dos alunos e professores nos processos de adaptação das aulas, das formas de interação e de interatividade. Essa observação fará parte da pesquisa. Se todo o conjunto de atitudes e atividades pode interferir ou ser complementar aos artifícios de *leitura* ou, ao menos, de apoio às ações de ler, então será levada em conta toda a alteração que a instituição promoveu para inserir as novas práticas cotidianas. Está excluído dessa pesquisa o julgamento quanto à qualidade do equipamento fornecido pela instituição. Acredita-se que, nesse momento, tal avaliação seria complexa e ineficiente, devido à impossibilidade técnica e teórica de julgar e promover tal classificação.

Das *leituras* intensivas, detalhadas, preocupadas com a meditação, para as *leituras* extensivas, efêmeras, baseadas em *lead*, a ausência das conduções sacras e as informações entendidas por completo (com apenas cento e quarenta caracteres, como o caso do *twitter*),

percebe-se haver uma mudança nas necessidades individuais. Dos suportes de pedra e argila, aos rolos de papiro, dos atuais códices de papel aos suportes digitais, demonstra a necessidade de adaptação que a *leitura* foi submetida. Dessa forma, encontra-se uma grande diversidade nas revoluções das técnicas, dos suportes e principalmente das práticas de *leitura*. Há de se perceber que é possível encontrar mais leitores, mas há dúvidas quanto a habilidade de praticar tal ato. Os processos cognitivos desses indivíduos acabam por estar entrelaçados com as novidades que invadem as prateleiras, ou as páginas dos *sites* de vendas. Sendo assim, é necessário acompanhar de que forma tais sujeitos se apropriam desses equipamentos, além das possibilidades que são atreladas à tecnologia. A partir desses fatos, aspira-se a buscar novas relações de apropriações da *leitura*, pois, a princípio, a sala de aula será utilizada como local de experimentação das reações às mudanças tecnológicas.

### **Uma análise *in loco***

A análise e o acompanhamento das ações e reações quanto à leitura e os suportes utilizados em aula, surge a partir das diversas observações cotidianas acerca das práticas de leitura. Essas formas de ler podem ser multiplicadas a partir do barateamento, dos *tablets* e equipamentos de leitura, bem como a preparação das mais diversas empresas para se inserir nesses ambientes digitais. Interessante, é fazer uma leitura, mesmo que básica acerca do contexto histórico da evolução da leitura, e de uma conseqüente remodelação social que aconteceu a partir da apropriação da leitura durante os vários processos de descobertas ou de desenvolvimento de novos suportes, que incentivaram, de certa forma, a individualidade e o pensamento sem direcionamento, permitido, principalmente, pela exploração da leitura. Essa fundamentação teórica permite acompanhar o aprendizado das diversas formas e possibilidades de escrita e a forma de como o uso da leitura passou por mudanças e construções constantemente movimentadas, modificadas e reconstruídas, sejam por novas necessidades individuais ou quem sabe por motivações tecnológicas. Mas, esse trabalho foi desenvolvido a partir de discussões anteriores com o objetivo de analisar as apropriações de leitura a partir do processo das configurações da prática e das relações do saber intermediadas pela tecnologia.

Para a abordagem aqui presente foi pensado nas formas e meios de buscar as possíveis apropriações de leitura, as práticas pelos diversos indivíduos que estariam envolvidos nesse processo. Tentou-se excluir questões de modismo e exceções que

poderiam ser atribuídas a um ou outro sujeito, pois tais ações podem ser meramente pontuais devido à sazonalidade. Já que se busca uma pesquisa aplicada, as discussões aqui propostas envolvem entender algumas ações ou questões particulares, discutidas em diversas outras pesquisas, como por exemplo, pode ser citado o determinismo tecnológico. Dessa forma, buscando novas apropriações do suporte e mapeando estratégias de inserção junto aos indivíduos, a condução das observações, que serão apresentadas adiante, foi percebida como ideal para a reflexão do ato proposto nesse trabalho.

A pesquisa foi desenvolvida sob uma abordagem dialética, a partir de confronto de ideias que permitam gerar novas questões, de natureza qualitativa. Amparada pela reflexão teórica desenvolvida em um primeiro momento (não exposta aqui), buscou-se a pesquisa de campo, pois se acredita que será de grande valia nas comparações reflexivas das apropriações individuais da leitura, ou até mesmo coletiva, paralelas às concepções teóricas, já que se está na busca de “um nível de realidade que não pode ser quantificado” (MINAYO, 1994, p. 21), por se permeada de significações que poderão ser percebidas nas amostras coletadas e analisadas no desenvolvimento da pesquisa empírica. Na necessidade de aliar a percepção da prática com a sensibilidade da tradução e leitura das ações (acompanhadas *in loco*) tão necessárias para as ciências sociais, a sala de aula será usada como laboratório para ações cotidianas e assim será possível codificá-las como informações científicas.

Não se buscam aqui definições ou soluções para problemáticas, mas ampla discussão sobre as práticas e relações do indivíduo com a leitura digital, em um ambiente em que, a princípio, estaria todo voltado para interações diárias e cotidianas com a “nova”<sup>3</sup> forma de intervenção educacional, ou a inserção de “nova” tecnologia na tentativa de gerar inovações e atrativos para as referidas aulas, permitindo e incentivando a interatividade que poderia agregar mais informações e conhecimento acerca dos assuntos.

### **As Práticas de leitura**

A princípio, a pesquisa empírica esteve delimitada a partir da leitura em sala de aula. Foi aplicada, em primeiro momento, de forma para que a coleta de dados fosse feita a partir da observação não participante e assistemática e aconteceu de forma individual, utilizando-se como base um campo observacional e não um laboratório previamente desenvolvido, pois para tal fim seria necessário o desenvolver natural do cotidiano de sala de aula. Já para

---

<sup>3</sup> Optou-se pela utilização da palavra nova entre aspas (“”) por não considerar tais ações como novas, mas apenas reapropriações de diversas outras tecnologias já aplicadas em algum momento da história.

a segunda parte da observação, houve a possibilidade de sair da condição de meramente observador das aulas para a aplicação da técnica de observação participante, havendo uma relação direta entre atores sociais e pesquisador, ou seja, entre alunos e professores exercendo intervenções, ora questionando, ora apresentando novas ações buscando as reações dos pesquisados. Dessa forma, é possível perceber no cotidiano do indivíduo as situações às quais são submetidos, bem como a relação entre os pares. As ações descritas objetivamente e as reações subjetivas compõem o contexto “prático” dessa pesquisa.

Com essa dinâmica proposta, muitas discussões foram despertadas, ao se buscar a melhor forma de perceber as ações dos indivíduos, a partir das premissas traçadas para essa pesquisa. O tipo de pessoas a serem pesquisadas, as formas de abordagens, o tipo de estímulo que poderia ou não ser aplicado, meios em que se podem buscar traduções para as já apresentadas abordagens teóricas a partir da constante evolução e, principalmente, pelas apropriações diversas notáveis, foram essas apenas algumas das questões a serem resolvidas.

### **Leitores e leituras**

Na busca de ilustrar, para perceber e mapear as várias mudanças nos processos de leitura, aqueles cerceados pela tecnologia digital. O objeto de observação foi escolhido, a princípio, pela necessidade de acompanhar as formas de leitura a partir de outro suporte que não apenas o livro em código. Definido isso a ideia partiu de uma nova estratégia de marketing de uma instituição privada interiorana, que fornece, pela primeira vez, todo o material didático em formato digital. Optou-se a partir da “novidade” que se utiliza um meio tecnológico como ferramenta complementar de educação em um centro universitário, ou seja, o uso do *tablet* como apoio nas atividades dos cursos de pós-graduação iniciados a partir do segundo semestre do ano de 2011.

Definido o local de operação das análises e acompanhamentos do objeto de estudo em questão, parte-se para o objetivo primordial dessa pesquisa mapear as ações, práticas e desenvolvimento das aulas, cerceadas pelo *tablet* e todas as formas de ação e interação onde a leitura seja a base da construção de pensamento, conhecimento e discussões, ou seja, estudar a organização tecnológica (ou não) no processo de leitura desses alunos, procurando perceber as formas de como os indivíduos inseridos nesse grupo interagem e se apropriam da nova forma que os professores utilizam na configuração da prática do saber, tendo como

base novos objetos inseridos no cotidiano, “propiciando” aprendizado a partir dessa intermediação entre tecnologia e leitura.

Não se pretende e acredita-se não ser possível pontuar, neste estudo, fatores externos que poderiam influenciar ou não nas relações indivíduo/tecnologia, ou seja, se o fato de tratar-se de uma universidade particular do interior do Estado, com mensalidades, de certa forma, mais baixas que as dos grandes centros, e, portanto, relativamente distante do centro de irradiação das inovações e vivência tecnológicas, bem como de uma cultura mais enraizada por universidades federais, produtos tecnológicos de mais fácil acesso poderiam exercer influência em maior ou menor escala no desempenho e na desenvoltura dos alunos com o “novo” suporte de leitura. Ou se, por outro lado, a dinâmica de distribuição das novidades mercadológicas na contemporaneidade, numa região mais bairrista, estaria de tal forma potencializando seu uso, já que tal proximidade poderia oferecer a menor possibilidade de defasagem de apropriação por parte daqueles que estão fora dos grandes centros urbanos. De qualquer forma, este comparativo é um aspecto que demanda maior fôlego e, portanto, ficará reservado a uma próxima análise.

### **Primeira Análise**

O curso de psicopedagogia, o primeiro escolhido para as observações preliminares, é composto por um grupo de aproximadamente vinte alunos graduados em Pedagogia (em sua maioria) e alguns licenciados em Letras. Esse grupo foi escolhido por ser precursor, dentro dessa instituição, tendo recebido seu equipamento desde o segundo semestre de 2011, e por se esperar uma uniformidade seja de formação acadêmica no grupo de personagens, seja de atuação, perspectivas profissionais e idade.

Quanto às práticas de leitura, foco desse trabalho, a análise foi feita *in loco* pela pesquisadora e registrada por fotografia e filmagens. É importante ressaltar que os *tablets* não substituíram os cadernos, lápis ou as canetas, afinal todos os alunos apenas incorporaram o eletrônico ao material escolar, alguns, inclusive, estavam munidos de um notebook. Com o arquivo em PDF aberto na tela, os alunos faziam a leitura normalmente, e com uma caneta ou com os próprios dedos seguiam a linha do texto para não se perderem e realizavam apontamentos no caderno como: registro de algo importante informado sobre o aluno, fatores que poderiam ser diferenciais na discussão posterior. Alguns também apresentavam o texto impresso, onde faziam as leituras, sublinhavam o texto, mas

permaneciam com o *tablet* sobre a mesa, é claro que sem utilização o mesmo ficava por algum tempo apagado, por ora tocavam na tela pra poder reacender o aparelho.

Tais ações incitam a questionar o que explicaria o compartilhamento simultâneo de tantos suportes em uma mesma atividade. *Tablets*, *notebooks*, livros, textos impressos, cadernos e lápis, todos dividindo o mesmo espaço e, de certa forma, todos com o mesmo objetivo. Por qual motivo há a prevalência de um sobre os outros? O que causa tamanha resistência do usuário em decidir-se definitivamente por este ou aquele suporte? Ou seria esta uma tarefa que ao menos a curto e médio prazo é impossível de vislumbrar – pensando no grupo aqui abordado? Talvez seja possível pensar que a insegurança possa ser um motivo justificador deste comportamento. É possível dizer isso a partir das observações, em que os alunos atribuem ao papel a confiabilidade e a certeza de informação que pode ser encontrada a qualquer momento, sem que haja qualquer interferência exterior, seja conexão, energia ou até mesmo o tempo para buscar onde as informações foram armazenadas. Percebe-se que o sujeito é naturalmente tendencioso a rejeitar aquilo que não se domina completamente; afeito a resistir às mudanças que estimulam um processo de readaptação, seja por causar insegurança, seja por retirar-lhe de certa comodidade. Por esse motivo se agarram às práticas tradicionais que transmitem sensações confortáveis e de acolhimento, ou sobre as quais se tem o total controle, segundo os próprios alunos, a garantia do papel é sólida, e o digital, os deixa insipiente e conseqüentemente inseguro.

Abandonar o vínculo praticamente eterno e prático da caneta sobre o papel pode ser, para muitos, principalmente aqueles que trabalham diariamente com essas ferramentas, algo difícil quando se fala em avançar sobre esse um terreno efêmero e para alguns cheios de incertezas e dificuldades, que o virtual oferece. Ainda que a estrutura do livro seja fisicamente frágil, pois suas páginas podem ser perdidas, ficar amareladas pelo tempo ou pelo calor ainda, assim seu conteúdo estará disponível à avidez de qualquer leitor. Até mesmo a sua existência física acaba por gerar uma confiabilidade àqueles que têm essa prática por costume. Indo contra as fragilidades que a tecnologia pode oferecer, seja por falta de bateria, de energia, hackers, vírus, ou a incompatibilidade de programas, podem impossibilitar esse simples acesso à leitura, bem como as anotações que podem ser feitas a toda hora, de forma fácil e em qualquer ambiente.

Por outro lado, programas de nomenclaturas complicadas, estrangeirismos, comandos que por vezes não fazem sentido, baterias que se acabam, telas que se apagam, mensagens em idiomas que não se dominam, sensibilidade ao calor, ao choque e ao líquido,

dependência de provedores e da não limitação das conexões – sem falar de sua qualidade e velocidade e a impossibilidade de imprimir ali a sua caligrafia pessoal fazem coro com uma série de outros fatores que intimidam e fazem os usuários muito mais reféns do que dominadores destes novos suportes. Faltou citar, por fim os preços que, para muitos, ainda é um limitador para se conviver com essa tecnologia e suas acessibilidades. Todas essas afirmativas são resultantes de uma série de observações feitas pelos alunos, em diversos momentos, normalmente naqueles em que justificavam a não utilização do equipamento e principalmente, a principal reclamação junto à equipe de atendimento à informática da instituição.

Voltando à “tradicional” sala de aula, foi de notória observação que, na hora da apresentação, o texto digital servia apenas para consulta, ou leitura de algum trecho específico que os fizeram chegar à conclusão da *anamnese*, mas toda a discussão estava no caderno do porta-voz do grupo. Bem como os alunos, a professora também trabalha com o projetor ligado, apresentando o texto e fragmentos que ajudem o aluno nessa tarefa, mas a mesma também possui o texto impresso nas mãos, bem como livros, caderno e uma série de impressos sobre a mesa, o que faz crer, portanto, que não se trata nem da falta de uma oferta – ao menos pontual – de suporte tecnológico e nem de uma hierarquia profissional que confira a cada um uma maior ou menor oportunidade de utilizá-los; trata-se mesmo de uma falta de autoridade pessoal ao apropriarem-se definitivamente de tais instrumentos e os incorporarem como ferramentas fundamentais e indissociáveis de suas atividades cotidianas tal qual o livro o fez ao longo dos séculos.

Ainda há uma busca pela concepção do material, palpável e físico, ou seja, num grupo que tem por esse costume buscar ações concretas, e não ações no virtual ou digital. Entende-se por “concepção material” a escrita em cadernos e quadros negros que são práticas diárias (ressaltando que se está observando um grupo de professores do ensino fundamental), nos quais as professoras ainda fazem questão de corrigir e colocar recadinhas, avaliar os alunos pelo capricho da letra e do cuidado com a limpeza do material de estudo. É interessante perceber que, em seus próprios cadernos, em seus próprios estudos, tais alunos fazem questão de tal capricho, anotações bem descritas, apontamento nos textos lidos, utilizando marca textos, clipes coloridos e outras ações que enfeitam e indicam várias ações nos próprios cadernos. Nos debates, por exemplo, citaram que alguns cadernos perdiam o capricho, as letras aumentaram, ou perderam determinado formato, após um trauma ou frustração. Esses mesmos professores, e orientadores, agora no papel de



alunos durante todo o processo de ler, entender e debater utilizavam o *tablet* apenas como suporte, mas o papel fundamental durante todo o processo de leitura foi o caderno, sobre o qual o leitor também pode fazer suas anotações e considerações que não poderiam ser esquecidas.

Essa observação que durou quatro semanas terminou juntamente com essa disciplina, e pôde abordar boas necessidades da leitura, escrita e relações entre os pares, bem como a relação da professora na condução dessas ações. Foi de fácil percepção o quanto as aulas estão cerceadas pelo costume do dia a dia dos alunos. Enfatizando que esse grupo é composto por alunos formados em licenciatura (as mais diversas) e que trabalham com ensino básico refletem o que se pode chamar de tradicionalidade em salas de aula, quando se usa como referência a inserção do digital nas práticas cotidianas ou a dificuldade de interação com os equipamentos usados em aula. Em alguns momentos, percebe-se uma clara reação contrária à inserção da tecnologia em atividades cotidianas por esta ainda estar atrelada às ideias de entretenimento, por essa tecnologia afastar das raízes da tradicional “alfabetização” e principalmente por ainda temerem a instabilidade que a virtualidade causa. É possível afirmar tal ação (ou reação) pelos comentários dos alunos, por exemplo, ao citar o uso cotidiano do computador que é atribuído à digitação de trabalhos, redes sociais e correio eletrônico, ou seja, uso conforme a prática mais “básica” da tecnologia. Ao solicitar uma anotação, os cadernos são imediatamente abertos ou colocados sobre as bancadas e as observações que envolvem atividades desenvolvidas com alunos do ensino fundamental estão sempre ligados a ações que não envolvem o digital, já que as crianças estão envolvidas diariamente em diversões a partir de jogos de *vídeo game* e de computador.

### **Segunda Análise**

O segundo grupo analisado é composto por outro perfil de alunado. Os trinta e dois alunos de MBA Executivo em Gestão Estratégica de Negócios iniciado em nove de maio de 2012 foi selecionado pela busca de uma diversidade de público que possibilitasse a comparação entre públicos e a necessidade de promover uma discussão sobre as relações de leitura. Apesar de buscar outro público, há sempre preocupação em manter-se um padrão de escolha: idades, graduação concluída e busca de aperfeiçoamento para o mercado de trabalho. É possível encontrar nesse grupo as graduações regulares, de formação de bacharéis, e as de formação dos tecnólogos. Entre eles estão administradores de empresas,

profissionais de recursos humanos, jornalistas, sistemas de informação. Entre eles as práticas de trabalho também são as mais diversas: turismo, representantes comerciais, profissionais de tecnologia da informação, funcionários de multinacionais e de empresas familiares.

Por este perfil, acredita-se que se possa ter dentro desse grupo um número maior de pessoas que dominem os instrumentos digitais que ofereçam suporte para leitura, uma vez que suas áreas de atuação têm, diferentemente dos licenciados, uma intimidade maior com a tecnologia, já que em praticamente toda vertente mercadológica, alguma interferência maior da informatização está agregada. Em alguns casos, como os representantes comerciais, o *tablet* já é uma ferramenta essencial onde os pedidos são registrados e enviados imediatamente, tentando reduzir tempo e distância do pedido e conseqüentemente do produto.

De observadora a condutora de ações da leitura, pôde-se levantar a problemática se a condução dessa pesquisa e observação na condição de professora e pesquisadora pudesse gerar uma forma tendenciosa na análise e conseqüente discussão do assunto, mas tal cuidado foi tomado ao escolher tal grupo como segundo. Se o primeiro grupo foi de mero expectador, algumas intervenções eram necessárias, já que nem mesmo os professores estavam acostumados a essa logística de aula. Notando ser necessário buscar novos incentivos, com algumas interferências do condutor quanto aos usos dos equipamentos e incentivos de leitura, os alunos foram analisados pela própria professora, assim sendo todas as atividades propostas foram encaradas como dentro do contexto da aula. Buscando uma isonomia entre os alunos, em que eles não estariam apenas sendo observados por terceiros, o que poderia alterar as formas de reação deles, acredita-se que tal condução seja importante para explorar as potencialidades de uma aula mediada pelo *tablet*.

Nessa disciplina os alunos receberam vários textos em PDF, Word e apresentações em Power Point. Além das aulas expositivas ao final deveriam produzir um trabalho, onde uma parte seria apenas apresentação oral e a teórica deveria estar baseada em um escopo.

A primeira dificuldade encontrada foi a reunião dos grupos extraclasse para converter todas as ideias em um projeto escrito. Com essa observação foi possível um questionamento acerca dessa dificuldade de um encontro entre os pares para construir textos, trabalhos ou discussões. Muito se fala em fim de fronteiras com a internet, mas muito ainda se tem dificuldade ao conseguir praticar tais atos virtualmente, que não para ações de entretenimento.

Os alunos já haviam feito *download* e editado o material para que fosse possível desenvolver o texto nele próprio. Interessante frisar as dificuldades que eles tinham em construir frases formais, requeridas pelo texto mais acadêmico. Então, percebeu-se que, se por um lado havia uma quase unanimidade no que diz respeito ao uso de *novas* tecnologias de produção textual e leitura; por outro, encontramos também aqueles que, mesmo com o uso da forma tradicional de escrita e leitura, ou seja, a manual sobre o papel, apresentaram algumas dificuldades específicas, nada, no entanto, que inviabilizasse a construção efetiva de um texto, como aconteceu no uso de suporte digital. Muito embora estes textos pudessem apresentar uma dificuldade acadêmica, uma falta de estilo refinado, ou, quem sabe, um engessamento no desenvolvimento do aprendido ao ser transformado em palavra escrita, após cerca de meia hora de conversas, e com a professora direcionando o texto, (inclusive a digitação no *tablet*), os alunos conseguiram visualizar o projeto que seria entregue na semana posterior. Vale ressaltar a dificuldade desses alunos na produção textual e dependência quanto aos artigos do *wikipedia*.

Na equipe composta por um misto de idades, formações e práticas profissionais, como hotelaria, funcionário do marketing de uma empresa de plano de saúde, representantes comerciais e comerciários, os mais novos do grupo estavam sempre ligados no celular. Acessavam a rede *wifi* para acesso ao portal, redes sociais, passavam mensagens enfim, uma série de itens permitidos pelos *smartphones* de fácil acesso nos dias de hoje. Esta constatação ressalta a ideia de que as gerações mais recentes tem uma maior facilidade para a apropriação dos meios digitais, uma vez que tais instrumentos e tecnologias já fazem parte do ambiente de vivência no qual crescem. Ainda que este meio não atinja o máximo da potencialidade de utilização dos meios digitais, está infinitamente à frente daquelas gerações mais antigas, que naturalmente se mostram mais resistentes à adoção destes novos instrumentos.

Em outro grupo o trabalho apresentado tinha frases curtas, sem ligação entre elas, resumiam pequenas ideias, sem justificativas ou objetivos definidos. Apenas três páginas de trabalho, que traziam a versão digital do *Word* dos tópicos desenvolvidos por mim no *tablet* de um dos alunos. A intenção de quando se construiu o texto, por várias mãos, a partir de questionamentos, era embasá-los de argumentos para que houvesse descrições detalhadas, já que se trata de uma tentativa de venda de um projeto comercial. Mas, da forma ali apresentada, não houve encantamento algum.

O grupo que apresentava mais pessoas da área da tecnologia enviou exatamente o mesmo material entregue no dia da apresentação, ou seja, os slides em tamanho miniatura e o desenvolvimento do projeto em forma de tópicos, somente frases com pequenos fragmentos apenas. Mais um grupo com dificuldade nas ações textuais. Neste caso, seria um pouco mais fácil entender o porquê, por ser basicamente um grupo de engenheiros, mas da mesma forma, depois da apresentação de boa qualidade, e por agregar um profissional de marketing, esperava-se um texto de melhor qualidade e, de certa forma, apelativo comercialmente.

Ao final do curso, é necessário executar algumas questões burocráticas para finalizar o módulo, mas todas as ações são tradicionais: levantamento de presença e falta, plano de aula, desenvolvimento do curso, avaliação das atividades, bem como das instalações da sala e as notas finais, tudo em formulários manuais. Feito isso, terminou o vínculo docente da pesquisadora com o curso e conseqüentemente com esse grupo de alunos.

### **Considerações acerca das observações**

Ao acompanhar, por cerca de dois meses, as aulas mediadas pelo *tablet* e ações de incentivo à leitura digital, esperava-se um número consideravelmente elevado de indivíduos não apenas dominando as novas plataformas de produção textual e *leitura* como também fazendo delas um elemento tão inseparável, até indispensável quanto o fizeram do celular, por exemplo. No entanto, tal perspectiva ficou muito aquém daquilo que se pensava inicialmente e, a despeito das produções de telefonia móvel, multifunções dessa plataforma ou novos instrumentos digitais de produção textual e leitura, tem-se ainda um longo caminho a percorrer que seja real e definitivamente incorporado ao exercício de *leitura*.

Foi possível perceber que está se construindo uma legião de leitores que se preocupam apenas em estarem informados, numa concepção de quantidade, não de qualidade. Suas bases estão sendo construídas sobre informações efêmeras e superficiais. Pode-se questionar de que forma ou qual base ideal seria necessária para que a tecnologia fosse apenas uma aliada na construção de novas ideias, tentando fugir assim da relação submissa do indivíduo para os estímulos multimidiáticos. Essas, entre outras perguntas, ainda são impossíveis de serem respondidas, por isso não é possível encontrar resultados apenas com este trabalho, sendo necessária, portanto, uma pesquisa mais detalhada sobre as possíveis falhas do sistema educacional atual na construção de um novo leitor.

Nesses grupos analisados, as únicas ações de leitura foram realizadas a partir do estímulo do professor, ou seja, fora desse ambiente, ou até mesmo dentro da sala de aula, essa não é uma prática dos alunos. O livro ou impressões no formato A4 garantem uma proximidade com o que se familiarizam como leituras sérias ou confiáveis e, por que não dizer, mais confortáveis. As anotações continuam sendo nos cadernos, ou nas impressões feitas para as aulas. As aulas pautadas no digital ainda são relativamente problemáticas, com a conexão do provedor de *internet* instável e o fator equipamento, que ora apresenta algum defeito ou problema de compatibilidades de *softwares*. Tudo isso gera desconfiança, enquanto o papel ainda é certeza de ter material para as aulas ou apresentações de trabalho. Por conseguinte, pode-se afirmar o quanto a leitura no digital ainda é um fator cerceado de problemas, dessa forma, o impresso tem sido a certeza que os contemporâneos precisam para sentirem-se seguros.

A tela como espaço de escrita e de leitura não garante apenas novas formas de acesso à informação, mas novos ambientes propícios à interação, cuja capacidade ainda não foi totalmente explorada. Outra forma de inovação são os processos cognitivos permitidos por esse espaço, dessa forma as dificuldades encontradas nesse “novo” processo acontecem por tais indivíduos (pesquisados) ainda estarem numa era de exclusão tecnológica, ou seja, seu processo cognitivo não foi pautado a partir da tecnologia: como esta é inserida aos poucos, seus usos são a cada dia integrado às necessidades de cada um. Por mais que os *tablets* ou outros equipamentos tecnológicos estejam de forma mais facilmente presentes no dia a dia do indivíduo, inserir tal objeto em sala de aula ainda requer um aprendizado, pois deve haver um incentivo maior na construção das novas apropriações para o letramento digital. Dessa forma, se é um novo estado ou condição de escrita ou leitura, deve-se haver práticas que, por mais que haja discursos de que indivíduos contemporâneos tenham “intimidade” com a tecnologia, tal atuação é voltada para entretenimento, relações sociais e pesquisas para resolver determinados problemas ou dúvidas momentâneas. Dificilmente, ao menos para esse público, são utilizadas para a construção fundamentada do saber.

Enfim, pode-se dizer que o letramento digital ainda caminha em passos curtos, quando se aplicam tais ações em salas de aula convencionais, mesmo que essas salas tenham ganhado uma nova “roupagem”. Com isso, inserir novas ferramentas tecnológicas no ambiente tradicional, permite que a construção individual do aluno seja um denominador nos usos e apropriações do *tablet* dentro de sala de aula.

Que a leitura é diversa não há o que questionar, que cada qual sujeito faz uso da tecnologia conforme sua necessidade (não se insere aqui a compra ou as atualizações desses equipamentos) também é notório, mas há de se buscar novas relações sociais a partir dessa inclusão (que é constante e ao mesmo tempo pontual) que consegue inserir efetivamente a tecnologia na construção ou consolidação do saber. Porquanto essas ações estiverem com as intenções mercadológicas sobrepondo as efetivas ações de inclusão digital, os usos e as apropriações tecnológicas estarão de acordo com as necessidades individuais, dessa forma as construções coletivas poderão continuar sendo efêmeras e de certa forma sem uma relação eficaz, mesmo que o potencial tecnológico seja de forma a agregar valores, possibilidades e principalmente garantir acesso a diversas fontes de informação. Percebe-se muito texto, muita leitura, mas poucas construções críticas em locais com grandes possibilidades de construção intelectual.

Vale ressaltar que essas poucas linhas são parte de uma pesquisa acerca da leitura e apropriações dos textos e dos suportes de ler. Atualmente em nível de doutoramento está sendo desenvolvida uma pesquisa longitudinal acerca da apropriação da leitura em crianças em idade de creche e pré-alfabetização junto aos suportes eletrônicos e, se pretende manter essa pesquisa por cerca de oito anos para a comparação com os reflexos na alfabetização.

### **Referências Bibliográficas**

BAINES, John e MÁLEK, Jaromír. **O Mundo Egípcio: Deuses, Templos e Faraós**. Rio de Janeiro: Del Prado, 1996; Vol II.

CAVALLO, G. e CHARTIER, R. (Org.). **História da leitura no mundo ocidental 1**. São Paulo: Ática, 1998.

\_\_\_\_\_. **História da leitura no mundo ocidental 2**. São Paulo: Ática, 1999.

CASTELLS, Manuel. **Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP e Imprensa Oficial SP, 1998.

\_\_\_\_\_. (Org.); BOURDIER, Pierre, BRESSOM, François, DARTON, Robert, FABRE, Daniel,

GOULEMOT, Jean Marie, HÉBRARD, Jean, MARIN, Louis, ROCHE, Daniel. PÉCORA, Alcir. **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

\_\_\_\_\_. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime.** São Paulo: UNESP, 2003.

\_\_\_\_\_. Entrevista. **Salto para o futuro.** Entrevista de Roger Chartier. Disponível em: <  
<http://entrevistasbrasil.blogspot.com.br/2008/10/roger-chartier-o-leitor-o-livro-e.html>> Acesso em  
15 de julho de 2012.

\_\_\_\_\_. **A história ou a leitura do tempo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

COUTINHO, Granja Eduardo; GONÇALVES, Márcio Souza. **Letra Impressa:** Comunicação, Cultura e Sociedade. Porto Alegre: Sulinas, 2009.

EISENSTEIN, Elizabeth. **A Revolução da Cultura Impressa:** os primórdios da Europa Moderna. São Paulo: Ática, 1998.

FISCHER, Steven Roger. **História da leitura.** São Paulo: Unesp. 2006.

GONÇALVES, Márcio. **Escrita, subjetividade, tecnologia de comunicação.** Logos. 1º semestre 2009; Ano 16: 22-33.

GONÇALVES, Márcio Souza. **McLuhan, Eisenstein e Johns.** Trabalho apresentado no II Seminário Brasileiro Livro e História Editorial. Niterói: UFF, 2009. Disponível em <http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/segundoseminario/index.php/resumos/porautorprenome/96dejam?lang=pt> , acesso em 10 de maio de 2012

JOHNS, Adrian. **The nature of the book:** print and knowledge in the making. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1998.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura.** São Paulo: Companhia das letras, 2010.

MINAYO, Maria Cecília e Souza (Org.); DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz; GOMES, Romeu. **Pesquisa social:** Teoria, método e criatividade. Petrópolis (RJ): Vozes, 1994.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita:** a tecnologização da palavra. Campinas (SP): Papyrus, 1998.

ZILBERMAM, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: Editora SENAC, 2001.